

Introdução

O que determina, porém, a qualidade de uma interpretação de um autor hoje clássico como ele (Heidegger) é justamente a capacidade que ela tem de funcionar como um caminho de discussão de questões que ou bem não se encontravam diretamente em jogo no horizonte de realização dos seus textos, ou bem se encontravam imersas em um horizonte de sentido que as tornava por demais particulares aos interesses argumentativos do seu autor.

Marco Casanova

Os desdobramentos do pensamento de Martin Heidegger na contemporaneidade são muitos. A magnitude desses desdobramentos decorre da amplitude, densidade e, sobretudo, da importância de suas obras, que são repercutidas no trabalho de outros importantes filósofos, como Jacques Derrida, Hannah Arendt, Gadamer, Merleau Ponty, Agambem, dentre outros. As contribuições de seu legado não se limitam à filosofia; estendem-se a partir dela, por exemplo, à arte e à arquitetura.

O título desta dissertação é *Obras de Arte Paisagísticas à Luz da Filosofia de Heidegger*. “À luz do pensamento de Heidegger”, à primeira vista, pode parecer algo limitador, no sentido de que se deve ater àquilo que o filósofo pensou e nos legou em inúmeras publicações em vida e póstumas. Mas entendemos que “à luz da filosofia de Heidegger” também significa, em outras palavras, “pensar sobre algo em um modo de pensamento guiado pela filosofia de Heidegger”. Assim, a filosofia heideggerina não é um limite, senão um caminho para se encontrar algo de um modo inovador, no caso, obras de arte paisagísticas

No título, ainda concebemos a especificação destas obras: são elas obras de arte paisagísticas. Neste sentido, esta pesquisa recorrerá aos pensamentos filosóficos de Heidegger para iluminar obras de arte que em sua constituição dão a ver a paisagem, ao elaborá-la. Mais especificamente, nos deteremos em obras compreendidas no encontro entre a arquitetura, a escultura e o paisagismo. É inevitável, então, que pensemos sobre o que é a paisagem e o que é a obra de arte à luz da filosofia heideggeriana, e como obras de arte podem ser paisagísticas.

No intuito de percorrer este pensamento, serão estudadas passagens nas quais Heidegger se refere à paisagem (tendo em vista que o filósofo não trata diretamente desta temática). Assim, optou-se por uma abordagem cronológica de seus pensamentos, pois mesmo aqueles mais tardios pressupõem ciência de

questões anteriormente desenvolvidas. Neste estudo, serão focados, especialmente, seus escritos sobre natureza, arte, espaço e o habitar poético.

Deste modo, objetiva-se explorar três questões: a relação entre natureza, arte e paisagem; a elaboração artística da paisagem como uma construção conjunta entre artista e natureza, na medida em que a obra está em permanente transformação; a possibilidade de construção de uma nova compreensão espacial da paisagem a partir da obra de arte.

Estas três questões serão desenvolvidas em 4 capítulos: *Como compreender a paisagem em Heidegger*, *Arte e Paisagem*, *A Paisagem Obra* e, por fim, *A Obra Paisagem*. Os dois primeiros se referem à primeira questão, o terceiro e o quarto, dizem respeito, respectivamente à segunda e à terceira.

Em *Como compreender paisagem em Heidegger*, buscamos um esclarecimento sobre como a paisagem pode ser apreendida no âmbito filosófico de Martin Heidegger. Embora Heidegger, como dito, não tenha abordado diretamente este tema, aparecem inúmeras referências à paisagem ao longo de sua obra, seja por meio de metáforas ou desenvolvimento de tópicos correlatos. Privilegiadamente, será apresentado o contexto filosófico da década de 1920, a partir de *Ser e Tempo* (1927).

Neste capítulo, percebe-se que a partir de uma ontologia estruturada naquele que é-no-mundo, a própria compreensão tradicional da paisagem é posta em xeque. A paisagem, deste modo, não é compreendida como uma imagem resultante da visão objetiva de um observador sobre determinado terreno, mas no engajamento para com ela, através da existência diária no mundo.

Em *Arte e Paisagem*, são abordados os temas já tratados anteriormente, agora no âmbito da arte. Assim, avançamos mais uma década ao nos aprofundarmos no ensaio em que Heidegger mais demoradamente pensou sobre a arte: *A Origem da Obra de Arte* (1936). Ao mesmo tempo, nos dedicamos a demonstrar como a própria consideração da obra de arte no pensamento heideggeriano é norteadada pela proximidade da poesia de Hölderlin. Com isso, também fazemos referência aos cursos ministrados por Heidegger sobre os hinos *Germânia* e *O Reno*, em 1935 e 1936, reunidos em *Hinos de Hölderlin* (1979).

Após o esclarecimento sobre a obra de arte em Heidegger, nos voltamos a uma breve exposição histórica sobre alguns aspectos da relação entre arte e paisagem na história da arte ocidental. É enfatizado o momento em que a paisagem, na arte, torna-se independente da pintura, disseminando-se à jardinagem, à arquitetura e à escultura.

Foram escolhidas duas obras de arte para guiar o nosso pensamento sobre as duas últimas questões estabelecidas como objetivos desta dissertação: o *Parque do Flamengo*¹ (1965) e a *Spiral Jetty* (1970).

Em *A Paisagem Obra*, o *Parque do Flamengo* contribui para a compreensão sobre o modo de elaboração artística da paisagem, principalmente no âmbito da arquitetura da paisagem e dos jardins paisagísticos. Esta obra do reconhecido paisagista brasileiro Roberto Burle Marx é interessante para nós, pois sua elaboração parte do reconhecimento de que a paisagem não é estática, mas está continuamente alterando-se. Logo, a elaboração da *paisagem obra* revela a correlação de dois modos de produção: a *techné* e a *physis*.

Em *A Obra Paisagem* será abordado o último objetivo anteriormente mencionado. Assim, pensamos sobre a inauguração de uma nova possibilidade espacial de abertura da paisagem nas artes. Com isso, nos aproximamos de uma das mais importantes obras da *Land Art*²: a *Spiral Jetty* (1970), de Robert Smithson. Neste caminho, a obra, em correlação ao pensamento tardio de Heidegger sobre o espaço – como em *A Coisa* (1950), *Construir, Habitar, Pensar* (1951), *Observações sobre Escultura – Arte – Espaço* (1969), *Sobre Arte e Espaço* (1969) – iluminam um ao outro. Este encontro termina por dar a ver a construção de uma paisagem “ao contrário”. A obra é em si mesma uma paisagem. Uma paisagem mítica, somente possível na medida em que a habitamos poeticamente.

¹ Oficialmente denominado “Parque Brigadeiro Eduardo Gomes” e popularmente conhecido como “Aterro do Flamengo”. No presente trabalho foi favorecido o nome pelo qual corriqueiramente é conhecido. Contudo, optou-se por chamá-lo de Parque, e não de Aterro, devido ao reconhecimento de sua estrutura.

² *Land* designa o material e o local de trabalho das obras, as quais intervêm diretamente na paisagem. Muito identificadas com monumentos pré-históricos, como a *Stonehenge*, e com o paisagismo inglês. As obras da *Land Art* situam-se no limiar entre a escultura e a arquitetura.